



Jornalismo cultural: a produção de Patrícia Galvão no jornal A Tribuna (Santos) ¹

Márcia COSTA²

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo aborda o ofício de Patrícia Galvão como jornalista cultural em Santos entre 1957 e 1961, por meio de uma análise de conteúdo qualitativa (análise crítica) da coluna Literatura, produzida pela jornalista ao longo de quatro anos no jornal A Tribuna

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Jornalismo Cultural. História do Jornalismo. Literatura. Patrícia Galvão (Pagu).

Ainda que a imprensa tenha se originado na sociedade burguesa, ela se desenvolveu para além dos limites de classe à medida que ampliou o debate social, criando estruturas e formas de procedimento válidas não apenas para um determinado grupo³. Diante disso, José Salvador Faro (1999, p. 6-7) considera a possibilidade do intelectual que atua na imprensa transcender seu lugar de classe, ultrapassando certos limites impostos por forças econômicas e políticas.

A imprensa não acolhe somente uma produção jornalística que se resume à reprodução de padrões hegemônicos. Ela assume uma função social de canal de expressão pública que não deve ser concebida como campo de unidade ideológica. Entre outros fatores, tal prática advém da autonomia relativa de seus agentes, muitas vezes calcada em seu capital simbólico. Neste contexto, o jornalista/intelectual pode assumir um papel de expressão significativa na sociedade.

Da contribuição intelectual na imprensa destaca-se aqui principalmente aquela operada pelos escritores nas redações em meados do século XX, quando ainda não havia

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O artigo é resultado da pesquisa de mestrado de mesmo título realizada entre 2006 e 2008 no Pós-com da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do professor José Salvador Faro.

² Doutoranda e mestre pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em História e Historiografia pela Universidade Bandeirante. E-mail para contato: marciarcosta13@gmail.com.

³ Conforme situa Lavina Medeiro Ribeiro (2004, p. 71), recorrendo a Jürgen Habermas.



formação para o jornalista nas universidades. Analisando e comentando a cultura, por meio do gênero opinativo, estes jornalistas travavam discussões que faziam da imprensa lugar de referencialidade simbólica para os indivíduos e para a sociedade. Conforme Faro, ao estabelecer um vínculo entre os movimentos artísticos e intelectuais, já que parte significativa da produção destes agentes pautava-se no movimento pelo qual se norteavam as manifestações artístico-culturais em curso no país, foi que a imprensa constituiu e fortaleceu, ao longo da história, o campo do jornalismo cultural.

Como muitos de sua geração, Patrícia Galvão (PG), a Pagu, ao alcançar um posto de relevância na imprensa, levou para a redação sua formação forjada no movimento modernista. No entanto, sua produção jornalística, que abarca quase quatro décadas de dedicação à imprensa no Brasil e no Exterior, é praticamente desconhecida pelos pesquisadores de Comunicação Social. Afora a reunião e análise de parte de sua obra jornalística por Augusto de Campos no livro *Patrícia Galvão. Pagu: Vida-Obra*, não houve até então um estudo acadêmico da área sistemático sobre o trabalho de PG na imprensa nos seus últimos anos de vida, quando passou a viver e trabalhar em Santos, entre 1954 e 1962, ano de sua morte. O mito Pagu, ligado à imagem da militante política, por vezes ofuscou a jornalista⁴.

Silviano Santiago (2004, p. 158) considera necessário resgatar esta geração de escritores e pensadores brasileiros, uma forma de fazer escritores e professores retomarem o diálogo com a imprensa a partir de uma escrita mais reflexiva. Primava esta geração por uma crítica baseada no exercício criterioso da razão e da sensibilidade e não no resultado de indagações acadêmicas de caráter teórico-metodológico. Com um estilo elegante e opinativo, esta geração foi formada direta ou indiretamente “pelo pensamento vivo e atuante do Modernismo e por uma intensa 'vida literária', no sentido que Brito Broca empresta ao termo” (p. 166).

Patrícia teve um papel fundamental na imprensa escrita ao fazer parte do contrapeso à *desliteraturização*, processo que ocorre ao longo do século 20, que, segundo Santiago, consiste na perda sistemática do lugar, da função, do prestígio e do poder da literatura na imprensa diária e semanal, compensada pela criação dos suplementos, que abrigaram a crítica literária.

⁴ Nos anos 40, junto com o companheiro e também jornalista Geraldo Ferraz, do Suplemento Literário do jornal *Diário de S. Paulo*. A produção de Pagu veiculada na imprensa está sendo reunida em quatro volumes de um livro, na Universidade de Yale, sob a coordenação do professor K. David Jackson, desde 2006.



O resgate da atuação de Patrícia no jornalismo cultural em Santos entre 1954 e 1962 passa pela abordagem do seu duplo papel tanto como intelectual presente na redação do jornal *A Tribuna* quanto como ativista cultural, práticas complementares às quais se dedicou após abandonar a militância político-partidária. Em Santos organizou diversos eventos literários, vários em parceria com o companheiro e secretário de redação do periódico, Geraldo Ferraz⁵. Em *A Tribuna* PG criou colunas semanais sobre literatura, teatro e TV e foi repórter de cultura, além de ter traduzido na imprensa obras de autores como Sigmund Freud, Eugène Ionesco, Fernando Arrabal e Franz Kafka. Em 1956, em uma das primeiras colunas sobre TV no país – e uma das mais duradouras colunas criadas por ela –, intitulada *Viu? Viu? Viu?*, realizava comentários sobre programas de televisão sob o pseudônimo Gim. Na coluna *Cor Local* abordava temas que diziam respeito ao desenvolvimento da cidade, como saneamento, infância, urbanismo, turismo, transporte.

Registrava o que se passava no universo artístico e letrado no espaço dominical *Literatura Artes Cultura* e na seção *Artes e Artistas*. Criou duas colunas veiculadas no suplemento sociocultural *A Tribuna: Palcos e Atores*, sobre dramaturgia; e *Literatura*⁶ –, esta última objeto de análise deste artigo, que se iniciou em 1957 e foi suspensa em 1961, totalizando 188 textos, dos quais 110 foram analisados durante esta pesquisa.

Canal de divulgação da cultura

“Sou um canal”. A última frase de um poema de sua autoria, publicado no jornal *A Tribuna* (Santos) em 1960 (CAMPOS, 1982, p. 344), dois anos antes de sua morte, embora Canal faça alusão a uma fase de desesperança na vida, diz muito sobre a trajetória da autora no campo cultural que foi importante canal de divulgação da cultura e de discussão da sociedade em três décadas de atuação no jornalismo.

⁵ Patrícia realizou ações no campo da literatura, colocando-se nos papéis de provocadora e de divulgadora de um acontecimento. A Sociedade de Amigos de Fernando Pessoa, criada em Santos por Geraldo Ferraz, Cassiano Nunes José Saulo Ramos e Francisco Azevedo (NEVES, 2003, p. 61) levou para o tradicional Clube XV em Santos, apoiada por PG, uma proposta apresentada no Teatro de Arena: um recital sobre Pessoa. A jornalista divulgou o evento em *A Tribuna* em agosto de 1955, demonstrando a preocupação em trazer para a cidade litorânea as últimas tendências das grandes metrópoles (GALVÃO, Patrícia, 1955, s/p). O escritor espanhol Federico García Lorca foi homenageado por meio do Festival de Poesia à Memória a García Lorca, também realizado com o apoio de PG em 1958. Segundo Geraldo Galvão, os pais organizaram ainda uma conferência sobre Octávio Paz, quando Ferraz apresentou o poema *O Arco e a Lira*.

⁶ O pseudônimo Mara Lobo, com o qual assinava os textos da coluna, foi adotado por PG quando da publicação, em 1933, de um dos primeiros romances proletários brasileiros, *Parque Industrial*. O suplemento *A Tribuna*, onde era veiculada a coluna, era publicado aos domingos em formato tablóide.



Os textos expressam sua trajetória e seu capital intelectual: o caráter didático de sua produção, a autonomia intelectual, a crença na emancipação social pela cultura, a defesa da vanguarda literária, as referências às suas relações culturais locais, nacionais e internacionais. Na coluna Literatura, abordou autores e suas obras (ênfase no modernismo e cânones literários); eventos culturais locais, nacionais e internacionais; e também discutiu o jornalismo cultural, comentando a produção dos cadernos culturais e a crítica realizada no país, além de políticas culturais locais e nacionais.

Os temas abordados revelam a atualização da jornalista com as novidades literárias da cidade, do país e do mundo. A vanguarda cultural modernista é enaltecida por ela, que credita ao “escritor de aventura” a glória de superar as tradicionais estruturas. Parte do movimento vanguardista, Patrícia manteve o espírito modernista e a fidelidade ao projeto coletivo de renovação estética. A defesa do cânone modernista, representado pela Semana de Arte Moderna (1922) e pelo Manifesto Antropofágico (1929), pontua sua obra⁷. Faz ampla recorrência a autores modernistas e/ou inovadores, como Kafka, Fernando Pessoa, Ionesco, Arrabal, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, além da própria forma “antropofágica” com que seus textos se apresentam.

O primeiro texto que trata da renovação literária nacional leva o título de “Origens da Literatura Moderna Brasileira” (04 ago. 1957, p.12), no qual avalia que “O modernismo brasileiro foi uma conquista nacionalista da língua acrescida duma independência literária”. A utilização dos termos *vanguarda*, *literatura* e *Modernismo* é contextualizada no amplo espectro de transformações que envolveram a urbanização das cidades. Em “Sobre a didática elementar – Origens da literatura moderna nas ideias do século vinte” (11 ago. 1957, p. 12), PG caracteriza a literatura moderna.

Primeiramente, uma invenção da linguagem. A norma descritiva do escritor considerado de vanguarda é uma pesquisa no sentido de dar intensidade, de estabelecer surpresa, de qualificar em profundidade os episódios e as figuras, as relações e as coisas. A originalidade, portanto, mas uma originalidade que não seja feita de originalidade apenas – uma originalidade orgânica, funcionando, muitas vezes, em consonância rítmica e fonética mesmo, com as coisas narradas...

No mesmo texto, caracteriza o escritor de vanguarda: “Só é escritor de vanguarda quem tem ideias de vanguarda. No vasto mundo das ideias sobre o

⁷ O novo e a aventura são elementos presentes em suas produções literárias: os romances Parque Industrial e A Famosa Revista e os contos policiais reunidos na obra Safra Macabra – os primeiros inovaram na forma e o último no conteúdo, em uma época em que o conto policial era pouco produzido no Brasil.



conhecimento do homem que o século XX trouxe, uma das primeiras noções incorporada foi a noção de velocidade”. A partir de então, relaciona a palavra velocidade a uma ideia nova, em movimento (que remete inclusive à concepção do automóvel), e que mantém relações com o cinema e a fotografia. Segundo a jornalista, “No mundo físico, a grande contribuição a todas as artes do século XX, inclusive à literatura, foi a ideia da velocidade, que implica na simultaneidade das coisas”. As ideias do século XX, afirma, mudaram a concepção da linguagem enquanto instrumento de comunicação. Lembra as contribuições da física – a exemplo da teoria da relatividade (que, de acordo com a jornalista, implica na simultaneidade das coisas) – e da psicologia – com a questão da memória –, além da psicanálise, que “incidiram sobre a literatura e lhe deram elementos novos de poesia e expressão, de conhecimento das ações e das reações, libertando o homem de muitos preconceitos, causas falsas, noções errôneas, acerca dos atos”. Compreender a literatura moderna sem levar em conta tais fatores seria praticamente impossível, avalia.

Sua intenção didática, no sentido de despertar a inquietação dos leitores, orientar o leitor interessado em literatura e fomentar o gosto pela leitura, está presente principalmente nas primeiras colunas. Em A Tribuna, PG apresentava autores novos e consagrados, discorria sobre as correntes literárias e discutia conceitos. Sob o título Imprescindível a leitura, o segundo artigo informa o objetivo da coluna: “estabelecer ligações em grande número com leitores que desejam saber de literatura” (7 abr. 1957, p. 11). Esclarece que, mais do que leitores, busca cooperadores, um público interativo.

“Esta a primeira condição de um serviço sobre literatura, o que esta secção deseja ser. Autores, livros, nacionais e estrangeiros, de ontem e de hoje, do passado e do presente, aqui nos dispomos a atender consultas sobre literatura...”.

A jornalista afirma que não é preciso ser especialista para conhecer obras e autores de qualidade. “No entanto, o que importa, no momento, amigos, para todos nós, é MANTER E CULTIVAR O GOSTO PELA LEITURA”, frisa. E destaca a necessidade de se reforçar o papel do livro na dura concorrência com a televisão, o cinema, o rádio.

A pedagogia não encontrou ainda melhor veículo para a cultura humana. Cinema, rádio, televisão, história em quadrinhos, didaticamente utilizadas, nunca passarão de AUXILIARES da cultura. Pois todos eles produzem 'apenas' o que a letra estabelece entre o momento da criação e a tarefa realizada do escritor e do poeta.

Escritores e poetas são, pois, os decisivos intermediários da produção literária, em livros – não são 'substituídos' por locutores de rádio, por atores de cinema ou de televisão. É, portanto, ao livro que nos reportamos.

A jornalista lamenta a constante ausência nas casas de uma estante de livros, onde televisão e rádio têm sempre espaço garantido. Mas não desconsiderava a importância de outros meios, potenciais espaços para a circulação da cultura. “É preciso ter livros, ler livros, procurar livros, trocar livros, emprestar livros [...]. O que não impedirá de ir ao cinema, ouvir rádio, ver-ouvir televisão”.

Em seguida, atrela a condição do desenvolvimento urbano ao incentivo à leitura. “A tarefa essencial de uma cidade que cultua a inteligência, de uma cidade que aspira a uma posição, é a de MANTER E CULTIVAR O GÔSTO PELA LEITURA”. Ao final do artigo, coloca-se à disposição da causa: “A serviço dessa diretriz colocamo-nos aqui, agora e sempre, pela leitura e para a leitura”.

Em *Orientação em leitura* (14 abr. 1957, p. 7), ressalta a importância de se manter o hábito da leitura, de 'educar' literalmente. Pretende que o grande público possa fruir o gosto pela leitura “adquirindo, no confronto do que esta coluna insinua e sugere, elementos para se autocapacitar, para se julgar a si mesmo [*sic*] ou debater com o articulista (por que não?) [...]”. Buscava dialogar com o leitor, evitando uma posição de superioridade intelectual.

Na crítica de Patrícia estava bastante visível outro elemento: a defesa da literatura como forma de emancipação, seja pela leitura quanto pela produção literária. O último parágrafo do texto *Orientação em leitura* revela que a jornalista defendia o uso da palavra, ou da literatura de vanguarda, como forma de libertação, de emancipação. Mas o trabalho de retórica transformada é ainda maior do que toda essa base de conhecimento do homem. A palavra entra numa retorta e a etimologia e a semântica passam a ser devolvidas em benefício da libertação do homem, que é o primeiro objetivo de toda a literatura que se considere de vanguarda.

A autonomia intelectual diz respeito a uma liberdade editorial alcançada pela jornalista por conta de seu capital cultural, forjado na escola de formação clássica e nas relações com o campo cultural. Suas fortes convicções sobre liberdade, sua personalidade revolucionária e seu capital intelectual lhe permitiram adotar uma postura crítica. O fato de ser casada com o secretário de redação também contribuía para a autonomia que conquistara em *A Tribuna* – tanto no que se refere à escolha do tema

abordado na coluna quanto ao cumprimento da jornada de trabalho. Salienta-se ainda o fato de o gênero opinativo ser portador, por si só, de uma maior autonomia, ao possibilitar a prática de um texto mais subjetivo, autoral.

Bourdieu acredita na via da autonomia intelectual como uma possibilidade de se abrir caminhos para a emancipação do jornalista contemporâneo e destaca que, quanto mais se possui capital social específico, mais se resiste aos ataques à autonomia. E, quanto menos se possui, maior é a tendência de se colaborar para a lógica comercial (MIRANDA, 2005, p. 157). Desta forma, relativiza o poder do capital econômico sobre o capital simbólico⁸.

E ela exercia sua autonomia. No texto intitulado “Reacionário nazista na Universidade do Paraná” (1º mar. 1959, p. 4), protesta contra a ação de um diretor de proibir da universidade a leitura de obras de autores como Émile Zola, Eça de Queirós, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Voltaire, consideradas por ele de “malditas”. A ação foi denunciada pelo diretor da revista Anhembi, Paulo Duarte, que estivera em Santos para uma conferência sobre Luis Buñuel. A coleção da publicação paulistana também foi censurada na universidade, por conter artigos que desaprovavam atitudes de padres e posições assumidas pela igreja católica. “Cabe o título porque é preciso denunciar, definir, tomar posição”, escreveu Patrícia.

Outro alvo de sua crítica feroz foi Fernando Sabino, no texto “Sobre o Encontro Marcado” (19 de jan. de 1958, p. 4). A respeito do livro recém-lançado, afirma que não se tratava de um encontro, mas de um “desencontro”. Considerava o estilo do escritor marcado pelo “metier” jornalístico. O texto traz um excesso de diálogos “que não são brilhantes”, “não há nem a tragédia nem a comédia de uma geração”. E prossegue: “A indigência do meio jornalístico se acentua, e a indigência cultural em geral, também”.

Nem toda inovação é referenciada pela crítica de PG, como é o caso do concretismo, mais ainda assim no texto “Manifesto da Província” (27 jul. 1958, p. 4) ela valoriza a iniciativa do grupo jovem Noigrandes, de Campinas, de lançar em um jornal de literatura da cidade o manifesto da poesia concreta. A crítica verborrágica e antropofágica permeia sua obra e em alguns textos apresenta um teor mais ácido. A crítica ao romance regional e ao uso da literatura com fins políticos é tema constante em

⁸ A autonomia de um jornalista dá-se, conforme Bourdieu, em função de diversos critérios, a exemplo da “posição ocupada pelo jornalista no interior do órgão de imprensa que o contrata”. Como uma titular, exercendo a função de colunista, PG conseguiu assegurar “determinas garantias estatutárias distintas, cujo capital simbólico é transubstanciado em formas como a da notoriedade”. Os jornalistas detentores desta notoriedade dispõem de um salário mais elevado e estariam menos propensos às pressões do campo econômico e do campo político (pp. 111-112). Determinadas temáticas do jornal, como a cultura, também sofreriam menos “dominação material”.



sua obra. “Em Papel de José Lins do Rego” (22 set. 1957, p. 12), ao abordar o romance nordestino, afirma que Jorge Amado mistura “histórias contadas ao pé do fogo”, com “palavras de ordem e outras bobagens do manifesto comunista, num pastiche do que seria afinal a recomendação do paizinho Stalin, hoje, renegado, do 'realismo socialista”.

O romance Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, recebe críticas negativas da jornalista no texto “Gabriela de Ilhéus e Jorge Amado” (24 agosto 1958, p. 4). Segundo PG, o autor teria avançado quando “não procurou com o social e buscou literalmente fazer um quadro de Ilhéus”. Ainda que para ela o texto de Jorge Amado não traga nenhuma inovação, aponta um grande avanço no seu trabalho. “Faz trinta anos que esse moço escreve romances, e já era tempo de nos dar um livro bem escrito, bem redigido, sem molecagens”.

A circulação de PG pelo campo cultural é outra característica presente em sua coluna, onde se identifica o diálogo com escritores e intelectuais em âmbito local, nacional e internacional, o que contribuía para sua atualização e para a manutenção do seu capital simbólico. A despeito da distância física, manteve relações com grandes escritores, diretores e autores de teatro e críticos brasileiros (principalmente com modernistas), estabelecidas quando morou em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Paris.

Geraldo Ferraz e PG centralizavam o debate sobre cultura em Santos, relata o filho Geraldo Galvão. A residência do casal, um polo cultural, reunia artistas plásticos, escritores, arquitetos e atores brasileiros que passavam por lá ao visitarem Santos. “Um monte de gente passou por lá: Jorge Amado, Érico Veríssimo, artista sempre tinha. Não era um salão, mas era onde se discutia cultura em Santos”⁹. O casal mantinha contato com diversos escritores, artistas e intelectuais, como Sábato Magaldi, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Casais Monteiro, Sérgio Milliet, Flávio de Carvalho, Antunes Filho, Lygia Fagundes Telles, Paulo Emílio Sales Gomes, além de autores internacionais, como o próprio autor de teatro Eugène Ionesco.

⁹ Os textos de Patrícia eram resultado de um minucioso trabalho de pesquisa e tradução, que incluía comentários bibliográficos de escritores, a publicação de trechos de suas obras e, nas primeiras colunas, fotografias dos autores e das obras. Suas fontes eram as publicações internacionais e nacionais sobre crítica literária – jornais e revistas europeias, americanas e brasileiras – a exemplo da revista Nouvelle Revue Française, do jornal The New York Times e do semanário francês Arts, entre os mais importantes suplementos e revistas culturais do País, além do contato com escritores, editores e intelectuais que a informavam sobre a movimentação no campo literário. A vasta biblioteca que mantinha em casa também lhe fornecia amplo material de pesquisa. A formulação de sua crítica levava em conta a utilização de informações históricas sobre o escritor e sua obra. Ao buscar um aprofundamento interpretativo – relacionando sempre a obra com o campo de produção artística e sua história –, atuava na construção do campo cultural.

A decisão de morar em Santos não isolou Patrícia por completo da movimentação cultural, conforme hipótese levantada por Augusto de Campos em entrevista a esta pesquisa. O contato com editoras, artistas e escritores e os contatos de Ferraz os mantinha informados sobre o movimento editorial. A leitura dos mais importantes jornais e revistas do mundo a colocava em contato com a inovação literária.

Ela apresentava ao leitor suas relações culturais, profissionais ou de amizade, a exemplo do crítico e escritor Adolfo Casais Monteiro e da escritora Lygia Fagundes Telles, bastante citados em sua coluna. A ligação com Carlos Drummond de Andrade é assunto, por exemplo, do texto “Drummond, contista” (02 nov. 1958, p. 7): “Carlos Drummond de Andrade, o poeta, acaba de nos enviar a 2ª edição dos seus contos de aprendiz de prosa de ficção, em que mais uma vez se revela o mestre em tudo que envolva letras [...]”. Após a morte de PG, Drummond iria lhe dedicar um artigo, “Imagens de perda”, publicado no Correio da Manhã em 16 de janeiro de 1963 (CAMPOS, 1982, p. 264).

Em “Tempos Temerários” (7 set. 1958, p. 7), revela a antiga relação com Nestor Duarte: “Recebo de José Olympio o romance 'Tempos Temerários', do baiano Nestor Duarte, meu conhecido de 1929... Não se trata de ficha, mas de lembrança de manhãs de praia em Amaralinda, e Nestor era menino e Anísio também”. Ao abordar a obra de Alfonso Reyes, em “Reyes, poeta” (05 mar. 1961, p. 4), salienta que conheceu o escritor, “o mestre mexicano mais conhecido como teórico e mestre de interpretação das literaturas”, no Rio de Janeiro.

Alfonso Reyes, antigo embaixador do México em vários países da América e da Europa, conhecido no Rio, ali por 1933. Era uma figura impressionante, irradiante; de homem de letras e de homem do mundo, um intelectual em que uma vitalidade poderosa e uma cultura profunda não eliminavam, jamais, os dotes do escritor e do 'causeur', de uma receptividade a toda prova...

O texto “João Ternura vem aí” (29 jan. 1961, p. 4) anuncia a finalização do romance Recordações de João Ternura, de Aníbal Machado, que identifica como alguém que conhecia e estimava. Em “Uma lágrima e um sorriso” (p. 4) aborda duas obras que lhe chegaram às mãos. Uma delas é o novo lançamento de Lygia Fagundes Telles, Histórias do Desencontro. Recorda ter encontrado nos bancos escolares “uma Lygia adolescente a publicar a sua primeira obra de adolescente”.

A crítica de PG abria espaço predominante para o movimento vanguardista literário, tendência que percorreu os mais importantes suplementos culturais do país –



Correio da Manhã, O Estado de S. Paulo, Diário Carioca e Jornal do Brasil, conforme pesquisa realizada por Alzira de Abreu (1996, p. 47). Defensora da arte moderna, aliou o exercício do jornalismo cultural à atuação como ativista da cultura, alternando a presença na redação ao convívio com os artistas. Foi escritora, militante política, jornalista, crítica de letras, artes, televisão e teatro, poeta-desenhista, diretora de teatro e ativista cultural.

Se sua desesperança pontuou o poema Canal, quando a autora já se encontrava abatida pela doença e demonstrava desacreditar na transformação pela ação política partidária – fruto de sua desilusão com o Partido Comunista –, empenhou-se na divulgação das artes como forma de transformar a sociedade.

Em um período em que a literatura tendia a perder espaço na imprensa, divulgava obras de referência, incentivando a leitura e a produção cultural. Seu recurso didático tinha como intuito auxiliar o leitor a preencher as lacunas de sua formação. Ao invés de baixar a qualidade, elevava a condição dos cidadãos, possibilitando-os consumir um produto mais sofisticado - proposta iluminista baseada no princípio de que “não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina”, conforme Ana Lúcia Tsutsui (2006, p.131).

Militava na seção Literatura por políticas culturais mais democráticas. Sua produção jornalística, ao privilegiar um caráter mais elaborado e utilizar autores reconhecidos, buscou qualificar o debate sobre literatura, levando, por meio do suporte de uma mídia massiva, a informação sobre cultura para além do interesse dos pares – artistas, intelectuais, escritores, jornalistas –, de forma que todos os que não são envolvidos com arte pudessem acompanhar as tendências literárias.

Em contraposição ao trabalho de outros colaboradores do suplemento, que não tinham um perfil vanguardista ou antropofágico, a crítica ácida faz do jornalismo cultural praticado por PG fundamentalmente um espaço para a inquietação e a promoção de debates. Exemplo disso ocorreu ao questionar na coluna o trabalho de escritores do porte de Fernando Sabino e Jorge Amado, além de críticos respeitados, como Afrânio Coutinho, e do embate que travou contra a proposta dos concretistas.

Produzia uma análise contextualizada das questões literárias, situando o autor na sociedade. Sua intervenção no espaço público, refletindo as problemáticas locais e mundiais, representa o papel dos intelectuais. Seu prestígio e legitimidade faziam valer seus interesses e sua contribuição para a difusão de determinados valores universais que defendia. Seu capital intelectual sobrepunha-se a uma visão por parte de um segmento



preconceituoso da sociedade santista, que a condenava por conta do alcoolismo⁹ e de seu comportamento libertário.

A jornalista acreditava no conhecimento como forma de emancipação humana. Muitos de seus textos transpassam o âmbito literário para estabelecer relações com temas como filosofia, sociologia, psicologia, característica dos intelectuais da época, com ampla formação humanista, incumbidos da função sociológica crítica com o ato de pensar voltado para os problemas em que a sociedade se insere, conforme destacou o filho do casal, o também intelectual Geraldo Galvão. Ao extrapolar o campo literário, a crítica de PG alcançava a condição de uma crítica cultural. A própria seleção de autores de maior perenidade e universalidade demonstra sua visão do fato literário como reveladora da própria sociedade.

Sua coluna acompanhou o panorama literário mundial. Simultaneamente, defendeu a literatura tradicional, clássica, numa tendência de afirmar o cânone literário. Conjugando erudição e didatismo, tradição e vanguarda, defendia a literatura de qualidade.

Em sua produção identificam-se características que marcaram as mudanças do jornalismo em sua fase de modernização: o combate ao beletismo em favor do coloquialismo e a discussão sobre o novo ao levar para a redação a cartilha modernista.

A produção da coluna Literatura é também um registro histórico de um embate iniciado na década de 50, quando críticos acadêmicos e críticos autodidatas disputavam espaço na imprensa. Ao mesmo tempo em que o jornalismo praticado por PG em Literatura buscava formar e informar, demonstrava autonomia, desapego a certas regras, desejo de mudar padrões, imprimindo ao jornalismo a marca da sua personalidade. “Ela era revolucionária, ela era transformadora, então a proposta do que ela escrevia era sempre isso, era alguma coisa contra a acomodação. E acredito que ela passava isso pros leitores”, ressalta o jornalista Clóvis Galvão, sobrinho de PG. Augusto de Campos destacou que o radicalismo modernista de PG impressionava. E ressalta o trabalho de divulgação da cultura realizado por PG como o de maior relevância em sua trajetória, alcançando maior dimensão do que sua produção como escritora:

Era de uma grande curiosidade intelectual. O que marcou e impressionou foi o radicalismo modernista dela. Manteve até o final da vida a divulgação criativa, manteve a figura revolucionária. A realização é outra coisa, pois a doença a impediu, teve a vida tumultuada, a vida meio despedaçada. A atuação dela, a postura revolucionária, marcaram.



A defesa do movimento modernista representa uma defesa da sua própria geração e o diálogo contínuo com os diversos representantes da vanguarda. As diversas relações que Patrícia Galvão estabeleceu nas mais diferentes vertentes influenciaram fortemente as suas tomadas de posição na imprensa. A marca unificadora desta vivência política e estética parece ter sido a defesa da cultura como mecanismo de emancipação social, que ocorreu principalmente por meio da divulgação do teatro e da literatura nos jornais.

PG realizou, por meio da imprensa, considerável contribuição para a dinâmica cultural em Santos e no país. Willy Corrêa de Oliveira destaca que PG via no jornalismo um meio de sobrevivência, mais do que uma opção de carreira. Clóvis Galvão crê que A jornalista costumava comentar em casa que a dedicação ao jornal inviabilizava uma maior dedicação como escritora. No entanto, mais do que uma solução econômica, o jornalismo também era para ela, segundo Geraldo Galvão, uma fonte de prazer. “Ela gostava também, porque nesta época ainda havia o jornalismo romântico”.

A formação crítica do jornalista e o papel do jornal como instrumento de formação

O trabalho realizado por PG na imprensa nos remete à urgente necessidade de se rediscutir a formação do jornalista e o seu papel dos jornalistas na transformação social. Ele deve preparar-se para atuar como um intelectual que interpreta a realidade e não apenas relata fatos, colocando seu conhecimento a serviço de um jornalismo comprometido com a transformação social, com a emancipação. Avaliando seu trabalho sob a ótica dos Estudos Culturais, pode-se verificar nos textos de PG um espaço simbólico de luta para discussão da cultura, interferindo na realidade, por meio de textos que buscam divulgar inovações e mudanças.

Embora as grandes publicações e autores do passado tenham hoje pouco equivalentes, ao mesmo tempo a imprensa não vive sem autores que sejam capazes de informar e interpretar, considera Daniel Piza (2003, p.116). O número restrito de revistas e tabloides culturais sofisticados são uma forma de resistência, acrescenta.

Como condição essencial para se aprimorar a produção, Piza reforça a necessidade de o jornalista cultural informar-se a respeito dos mais diversos assuntos, ampliando seu repertório. Recorrendo a Carlos Peixoto (2005, p.126), cremos que, mais do que informar, o jornalista deve adquirir conhecimento e divulgá-lo ao mundo.



Adquirir o saber é uma condição para o “ser e estar no mundo”. A valorização dos jornais pelo viés do intelectualização é uma saída para a crise do jornalismo. A intelectualização

(...) irá superar o conceito usual de que o jornalismo é apenas a geração mecânica de informações, que podem ou não levar a um conhecimento do mundo. Esse *conhecimento*, entendido como a apreensão intelectual da realidade, a percepção dos fatos e das coisas, a compreensão da existência própria e alheia, enfim, a descoberta do *ser e estar no mundo*, passa a ser norma e não apenas meta do jornalismo (2005, p.127).

Luiz Costa Lima (apud RESENDE, 2005, on-line) crê na presença do intelectual nos jornais brasileiros como fundamental, auxiliando na formação de leitores “que reflitam sobre o que lêem e não se contentem com textos de menor qualidade”. Mais do que informar, cabe ao jornal o papel de auxiliar na educação informal, de servir de aporte para se formar cidadãos críticos que possam se tornar sujeitos de sua história, tal qual PG fazia, ao reiterar a importância da formação de um público de literatura e ressaltar o papel transformador da cultura¹⁰.

O jornalista exerce grande influência na formação das mentalidades, na memória individual e coletiva; por isso, necessita ter consciência social do seu papel de formador de opinião pública, ressalta Graça Caldas. É um historiador do presente, assinala (p. 89). Mais do que serviço, jornalismo é formação e reflexão. A convivência entre o jornalismo romântico do passado e o jornalismo industrial e ágil do presente é possível. “A principal arma de um profissional da mídia é entender as regras do jogo, mas nunca sucumbir a elas. O questionamento permanente, a reflexão é essencial. [...] É inadiável o jornalismo crítico, interpretativo e cidadão” (p. 98 a 101).

A produção de Patrícia Galvão na mídia é um exemplo de atuação intelectual, ingrediente emancipador da cidadania que se impõe como força contra-hegemônica, diante de uma indústria cultural em plena fase de expansão. Sua atuação na imprensa não se vinculava ao compromisso com a lógica econômica do jornal ou com o imperativo da notícia, mas à busca por colocar o seu conhecimento, a sua intelectualidade, a serviço da divulgação da literatura e da formação de leitores.

¹⁰ Para além de sua atuação na redação, a jornalista/intelectual mantinha em Santos intensa relação com grupos culturais, incentivando os jovens a envolverem-se com o teatro e a literatura. Descobria talentos, promovia e participava de eventos artísticos e literários, criando conhecimento no mundo.



REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de (org.); RAMOS, Plínio de Abreu ... [et al]. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista. *In: Comunicação & Sociedade: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social*. São Bernardo do Campo: Umesp, n. 44, p. 85-101, 2005.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu. Patrícia Galvão: vida-obra**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1982.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ulbra, 1999.

FERRAZ, Geraldo. **Depois de tudo: memórias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983. Coleção Depoimento.

GALVÃO, Patrícia. Fernando Pessoa para Declamar. **Jornal A Tribuna**. Santos, [s/p.], 14 de agosto de 1955. Arquivo Hemeroteca Municipal de Santos.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Coleção Comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NEVES, Juliana. **Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo nos anos 40**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP).

PEIXOTO, Carlos. Seis propostas para o próximo jornalismo. *In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. (org). Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo, Escrituras, 2005, p. 121-132. Coleção Ensaio Transversais.

RESENDE, Adriana. **Para Luiz Costa Lima, leitor deve ter capacidade de reflexão**. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/eventos/palestra_lima_20000519.htm>. Acesso em 7 de setembro de 2007.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Comunicação e sociedade: cultura, informação e espaço público**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.
SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.



TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. **Revista Cult**: canal de expressão pública da produção intelectual. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social: UMESP, 2006.

WILIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1750-1950**. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo, Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**: 1921-1988. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Entrevistas concedidas à pesquisa:

CAMPOS, Augusto de. Entrevista concedida por telefone a Márcia Rodrigues da Costa. Santos: maio de 2007.

GALVÃO FERRAZ, Geraldo. Entrevista pessoal concedida a Márcia Rodrigues da Costa. São Paulo: jul. de 2006.

GALVÃO, Clóvis. Entrevista pessoal concedida a Márcia Rodrigues da Costa. Santos: jul. de 2006.

OLIVEIRA, Willy Corrêa de Oliveira. Entrevista pessoal concedida a Márcia Rodrigues da Costa. São Paulo: maio de 2007.